



CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

Os Jogos Paralímpicos no caderno de esportes do jornal O Globo: análise das edições de 1988 a 2016***The Paralympic Games in the sport section of the newspaper O Globo: analysis of the editions from 1988 to 2016***Jaqueline Marinho¹, Carolina Fernandes², Eveline Torres³**RESUMO**

O objetivo do estudo é analisar a cobertura do caderno de esportes do jornal O Globo durante as edições dos Jogos Paralímpicos de 1988 a 2016. Para tanto, foram coletadas notícias no acervo online do jornal O Globo, três dias antes e três após o término de cada edição dos Jogos Paralímpicos de 1988 a 2016, posteriormente, foram analisadas e interpretadas com o auxílio do software ATLAS.ti 7.5.18, a partir da técnica de análise documental. Evidenciou-se uma tendência em noticiar os feitos esportivos dos atletas utilizando terminologias depreciativas ou enfatizando assuntos que não possuíam relação direta com o ambiente esportivo.

Palavras-chave: Jogos paralímpicos; atletas paralímpicos; Mídia; O Globo.

ABSTRACT

The study aims to analyze the coverage of the sport section of the newspaper O Globo during the editions of the Paralympic Games from 1988 to 2016. For this, news was collected in the online collection of the newspaper O Globo, three days before and three days after the end of each edition of the Paralympic Games from 1988 to 2016, later, were analyzed and interpreted with the support of ATLAS.ti 7.5.18 software, from the documentary analysis technique. There was a tendency to report the sports achievements of athletes using derogatory terminologies or emphasizing subjects that had no direct relationship with the sports environment.

Keywords: Paralympic games; paralympic athletes; media; O Globo.

1. INTRODUÇÃO

A prática esportiva por pessoas com deficiência tem sua gênese vinculada a procedimentos que buscavam auxiliar na reabilitação e reinserção na sociedade de combatentes de guerra, que retornavam para suas casas com alguma sequela física, cognitiva e/ou psicológica. No entanto, com as transformações na sociedade, novos sentidos e significados foram incorporando ao esporte um teor competitivo e de

¹ Secretaria Municipal de Educação - SEMED, Manaus/AM - Brasil. E-mail: jaque.m.marinho@gmail.com

² Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Florianópolis/SC - Brasil. E-mail: carolina.f.s@ufsc.br

³ Universidade Federal de Viçosa - UFV, Viçosa/MG - Brasil. E-mail: evelineufv@gmail.com



rendimento, valorizando a alta performance e a constante busca por excelência nos resultados. (PARSONS; WINCKLER, 2012; COSTA; SOUSA, 2004; ARAÚJO, 2011). Neste cenário, emerge o esporte paralímpico, que tem como principal evento esportivo os Jogos Paralímpicos (JP). (CASTRO; CAMPBELL; TAVARES, 2016).

Os JP constituem-se em um megaevento esportivo (INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE, 2013), onde atletas com diferentes tipos de deficiência disputam medalhas em 22 modalidades esportivas. Esses indivíduos, ao realizarem feitos em uma prática esportiva de alto rendimento, contribuem para o entendimento da necessidade de resignificação da percepção da deficiência desvinculando-a da concepção de dependência e de incapacidade.

Na sociedade, de uma forma geral, ainda persiste a ideia de que as pessoas com deficiência são indefesas, inferiores, frágeis e aquelas que conseguem superar tais adjetivos são objetificadas e tratadas como super-heroínas. (PEREIRA, MONTEIRO, PEREIRA, 2011; TYNEDAL; WOLBRING, 2013). Nesse contexto, leva-se em conta que a divulgação midiática dos JP pode contribuir para a construção dos olhares lançados para a questão da deficiência e da própria pessoa com deficiência, além de estar relacionada com a expansão dos ideais inclusivos, esportivos e comerciais dos JP. (CAMBRUZZI, 2011; MARQUES *et al.*, 2013).

Em termos de divulgação midiática, na literatura brasileira, estudos que analisaram a cobertura jornalística dos JP (HILGEMBERG, 2017; POFFO *et al.*, 2017; SANTOS *et al.*, 2018; SANTOS *et al.*, 2019), identificaram que a visibilidade tem aumentando a cada edição, entretanto, esse aumento está quase que exclusivamente relacionado aos esforços e investimentos do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) em promover o esporte paralímpico no país e na mídia. Há maior divulgação de atletas com deficiência física e praticantes de modalidades individuais, tais como o para atletismo e a para natação.

Outros estudos (MARQUES *et al.*, 2014; MARQUES *et al.*, 2015; MARQUES *et al.*, 2013) que analisaram o discurso de atletas paralímpicos e dirigentes do CPB, concluíram que apesar da crescente divulgação do esporte paralímpico, ainda é pequena e irregular e existe uma tendência em enfatizar as dificuldades ocasionadas pela deficiência em detrimento das habilidades e capacidades esportivas. Há também a utilização de terminologias estereotipadas e depreciativas para retratar os atletas paralímpicos. (PEREIRA, MONTEIRO, PEREIRA, 2011; CASTRO, CAMPBELL, TAVARES, 2016).

Estudos internacionais (TYNEDAL; WOLBRING, 2013; SILVA; HOWE, 2012; BUYSSE; BORCHERDING, 2010; PAPPOUS; MARCELLINI; DE LÉSÉLEUC, 2011), que analisaram a cobertura jornalística ou fotográfica nos JP, evidenciaram a presença de estereótipos nas imagens e/ou nos textos e verificaram que a história de vida dos atletas era retratada utilizando tramas sensacionalistas e terminologias depreciativas que reforçavam preconceitos em relação à deficiência. Também concediam maior visibilidade para atletas com deficiência física (usuários de cadeira de rodas) e para as modalidades paralímpicas que reuniam o maior número de atletas e disputas de medalhas, como a para natação e o para atletismo.

Nessa perspectiva, o objetivo do estudo é analisar a cobertura do caderno de esportes do jornal O Globo durante as edições dos JP de 1988 a 2016. Os meios de



comunicação podem contribuir para a ruptura de estigmas e de estereótipos sobre fenômenos já estabelecidos na sociedade. (CAMBRUZZI, 2011; HILGEMBERG, 2019). Dessa forma, a divulgação das potencialidades de pessoas com deficiência em contexto esportivo poderá impactar no imaginário de telespectadores, leitores, ouvintes de forma a ressignificar percepções estereotipadas relacionadas à deficiência. (CAMBRUZZI, 2011; PAPPOUS; SOUZA, 2016; CARDOSO *et al.*, 2018; HAIACHI *et al.*, 2016).

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Realizamos uma pesquisa de cunho quanti-qualitativo e descritivo-exploratório. Para melhor desenvolvimento da pesquisa, organizamos os procedimentos em etapas: na primeira etapa foi realizada uma revisão bibliográfica em repositórios eletrônicos de arquivos científicos (Google Acadêmico, *Scielo - Scientific Electronic Library Online*), publicados em língua portuguesa entre os anos de 1988 a 2016, a fim de conhecer o objeto de pesquisa: cobertura midiática dos JP. Os descritores: “Jogos Paralímpico”, “Jogos Paraolímpicos”, “Paraolimpíadas”, “Paralimpíadas”, “Esporte Paralímpico” e “Mídia”, foram utilizados de forma isolada ou combinada nas bases eletrônicas. Na segunda etapa foram coletadas as fontes documentais e na última etapa a análise e interpretação das fontes. Encontramos 404 artigos e, após a leitura dos títulos, dos resumos e da exclusão de trabalhos duplicados, 10 artigos foram lidos na íntegra. (MARQUES *et al.*, 2013; MARQUES *et al.*, 2014; MARQUES *et al.*, 2015; MARQUES, 2016; HILGEMBERG, 2017; POFFO *et al.*, 2017; POFFO *et al.*, 2018; CARDOSO *et al.*, 2018; SANTOS *et al.*, 2018; SANTOS *et al.*, 2019). Esses artigos nortearam a compreensão de elementos e conceitos relacionados ao objeto de estudo, além de fundamentar a construção teórica dos códigos e famílias de análise e a discussão dos resultados.

Escolhemos como fontes documentais, notícias veiculadas no acervo online do jornal O Globo (três dias antes da cerimônia de abertura e três dias após o encerramento do evento paralímpico), por ser o segundo jornal com maior circulação no país, média de 193.079 exemplares (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS JORNAIS, 2020); e ser um dos jornais convidado pelo CPB para cobrir os JP, desde a edição de Atlanta em 1996. (MIRANDA, 2011). O período escolhido para análise (1988 a 2016) se deu por ser uma época marcada por transformações ideológicas e administrativas no movimento paralímpico, na busca pela consolidação do esporte para pessoas com deficiência como uma prática de alto rendimento.

Para efetuar as análises, as reportagens foram inseridas no ATLAS.ti 7.5.18, um *software* com ferramentas que auxiliam na organização, no gerenciamento e no agrupamento de fontes documentais. As ferramentas permitem ao pesquisador autonomia na escolha dos objetivos, dos códigos e das categorias de análise. (FRIESE, 2015). O processo de análise no *software* ATLAS.ti 7.5.18 ocorreu da seguinte maneira: apropriação dos pressupostos teóricos através dos artigos selecionados na revisão bibliográfica; inserção das fontes documentais; criação de códigos e famílias, que emergiram das fontes com base no conhecimento teórico do pesquisador sobre o problema de pesquisa. (SILVA, 2015).



Os códigos são conceitos, classificações, palavras-chave e/ou temas. As famílias agrupam e classificam esses códigos com ideias e significados semelhantes (FRIESE, 2015); o próximo passo consiste na leitura das fontes documentais individualmente, a fim de selecionar trechos e/ou palavras que expressem ideias importantes para a compreensão do problema de pesquisa. Após essa seleção, são adicionados os códigos predefinidos ou aqueles que emergiram no decorrer da análise. Ao final, todos os códigos são agrupados nas famílias. (SILVA; MAZO; ASSMANN, 2018).

Na primeira análise foram criados 744 códigos e 48 famílias, este elevado quantitativo ocorreu devido ao detalhamento de informações como, por exemplo, na família “deficiência física”, foram atribuídos os códigos: paralisia cerebral, amputação, distrofia muscular, poliomielite e paraplegia. Por esta razão, os reorganizamos conforme semelhanças nos conteúdos, resultando em 94 códigos e 9 famílias (Quadro 1). No presente estudo, para fins de análise, selecionamos aquelas famílias cujos códigos, emergiram com maior frequência e apresentaram consistência teórica com o problema de pesquisa. Organizamos as famílias de códigos analisadas em dois grupos: 1) caracterização das reportagens (estrutura das reportagens, deficiência, nome dos atletas, modalidades) e 2) análise do objeto (Esporte Paralímpico e *Supercrip*).

Quadro 1 – Frequência de ocorrências das famílias de códigos por edição dos Jogos Paralímpicos organizados pelo *software* ATLAS.ti 7.5.18.

Famílias de códigos	Número de códigos	Número de ocorrências nas fontes								
		1988	1992	1996	2000	2004	2008	2012	2016	Total
Estrutura das reportagens	7	4	11	42	54	112	91	129	1020	1463
Modalidades paralímpicas	22	4	12	81	78	213	145	72	361	966
Esporte paralímpico	3	6	15	93	152	241	227	14	204	952
Supercrip	7	2	11	55	76	92	81	75	417	809
Deficiência	3	2	8	41	24	43	29	36	181	364
Atletas paralímpicos	29	7	6	41	38	61	26	38	40	257
Valores paralímpicos	4				5	30	28	16	97	176
Terminologia	14	1		15	12	15	6	7	35	91
Símbolos	5	1			11	11	7	8	46	84

Fonte: Elaborado pelos autores.

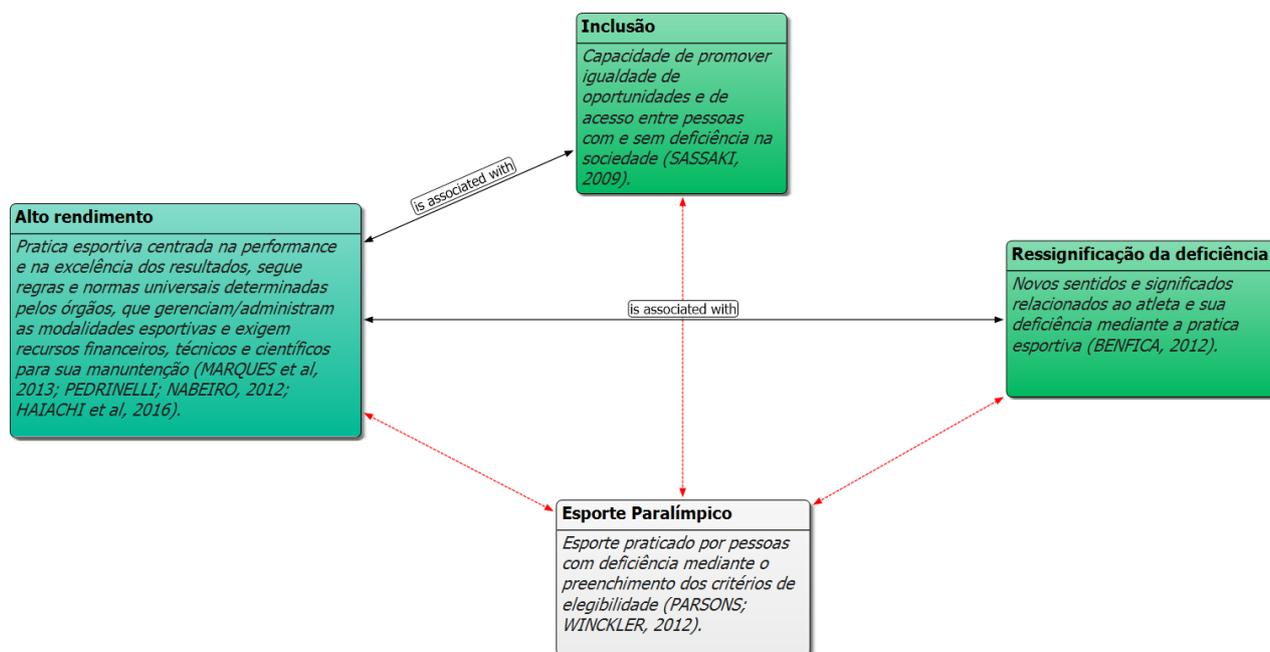
Após análise das fontes, foram criadas redes, isto é, a representação gráfica das conexões existentes entre os códigos e suas famílias. (FRIESE, 2015). Esse comando permite associar os componentes em forma de gráficos, de modo a facilitar a visualização de relações entre códigos e entre partes do texto, bem como permite ao pesquisador estabelecer conclusões a respeito da análise. (SILVA; MAZO; ASSMANN, 2018).



A família de códigos Esporte Paralímpico (Figura 1), foi dividida em códigos que sintetizaram elementos da prática, sendo eles: alto rendimento (90%), inclusão (6%) e ressignificação da deficiência (4%). Foram elencadas associações entre os códigos: alto rendimento e ressignificação da deficiência; e alto rendimento e inclusão, conforme a Figura 1.

A família de códigos Supercrip (Figura 2) diz respeito à tendência de divulgação midiática de forma a retratar os atletas como heróis que, diante das desvantagens causadas pela deficiência e pelas desconfianças sobre suas capacidades, superam e conseguem feitos extraordinários. (SILVA; HOWE, 2012). Com base nessa conceituação, foram criados os códigos: estereótipo (32%), história de vida (17%), polêmica (15%), superação (12%), sensacionalismo (10%), ídolo (9%) e comparação (5%). Neste estudo, destacamos a associação entre os códigos: sensacionalismo e polêmica. Esta demonstrou que as histórias de vida, a superação, as polêmicas, o sensacionalismo e os estereótipos fazem parte da construção do ídolo.

Figura 1 – Rede de visualização da família de análise Esporte Paralímpico.

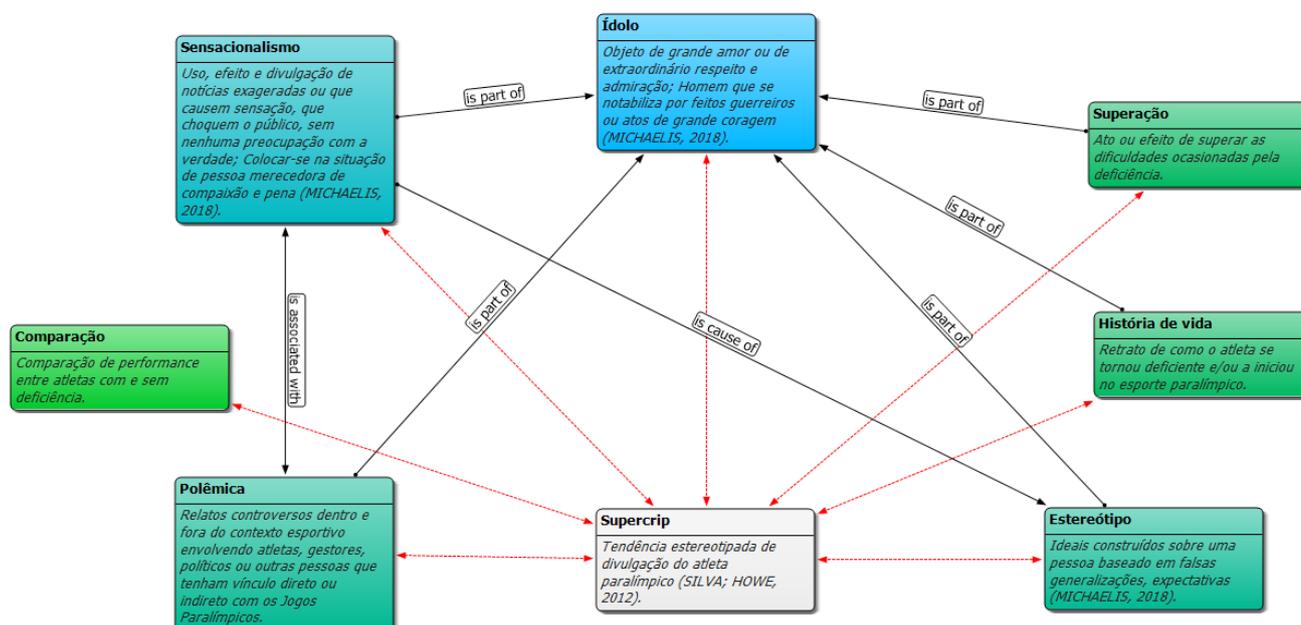


Fonte: Elaborado pelos autores.

Para interpretação dos dados, foi utilizada a análise documental, que tem por finalidade identificar, verificar, sintetizar, sistemática e objetivamente, fontes documentais que ainda não receberam tratamento analítico, com intuito de estabelecer fatos e obter possíveis respostas de acontecimentos passados que ainda permanecem no presente. (THOMAS; NELSON, 2007; GIL, 2008; RICHARDSON, 2012; CECHINEL *et al.*, 2016). A interpretação e a escrita da discussão dos resultados foram realizadas a partir do cruzamento das informações das fontes com a revisão bibliográfica.



Figura 2 - Rede de visualização da família de análise *Supercrip*.



Fonte: Elaborado pelos autores.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1. CARACTERIZAÇÃO DAS REPORTAGENS SOBRE OS JOGOS PARALÍMPICOS NO CADERNO DE ESPORTES DO JORNAL O GLOBO

As notícias sobre os JP tiveram um aumento gradual a cada edição. Levando em consideração que analisamos o total de 15 dias de publicações referentes aos JP, o caderno de esportes do O Globo apresentou uma média de 2,8 notícias entre as edições de Seul-1988 e Rio-2016. O aumento nas publicações aconteceu a partir da edição de Atlanta-1996, ano no qual o CPB custeou os gastos de uma emissora de televisão, de jornalistas e fotógrafos e convidou quatro jornais (O Globo, Estado de São Paulo, Correio Braziliense e Fluminense) para cobrir a delegação brasileira nos JP daquele ano. (MIRANDA, 2011).

A partir da edição de Atenas-2004, o CPB passou a comprar os direitos de transmissão dos JP e a distribuir gratuitamente aos jornais e emissoras de rádio e televisão brasileiras, além de continuar a convidar e custear os gastos de jornalistas/fotógrafos. (HILGEMBERG, 2017). Essas estratégias foram adotadas até a edição de Pequim-2008.

As estratégias de divulgação adotadas pelo CPB impulsionaram a mídia a noticiar os JP, mesmo que num primeiro momento a iniciativa de divulgação não tivesse partido dos canais midiáticos. Com o tempo pôde-se perceber um crescente interesse pelo os JP, como mostra os estudos de Hilgemberg (2017), Poffo *et al.* (2017), Poffo *et al.* (2018), Santos *et al.* (2018), Santos *et al.* (2019) que analisaram a visibilidade dos JP nos jornais O Globo e na Folha de São Paulo no período de 1992 a 2016. Eles identificaram que a partir da edição de Atenas-2004, os JP despontaram, ainda que



timidamente, mas, quantitativamente, incomparável a notícias relacionadas aos Jogos Olímpicos (JO) e o Futebol, como conteúdo frequente nesses jornais.

Tabela 1 - Média de notícias veiculadas no caderno de esportes do jornal O Globo sobre os JP durante as edições de 1988 a 2016.

Jogos Paralímpicos	Datas da coleta	Média de notícias	Percentual
Seul-1988	15 out. a 27. out.	1,0	0,5%
Barcelona-1992	31 ago. a 17 set.	1,0	1%
Atlanta-1996	12 ago. a 29 ago.	1,6	2,5%
Sydney-2000	15 out. a 01 nov.	1,9	4%
Atenas-2004	14 set. a 01 out.	2,2	8%
Pequim-2008	03 set. a 20 set.	1,7	5%
Londres-2012	26 ago. a 12 set.	2,8	10%
Rio-2016	04 set. a 21 set.	3,3	69%

Fonte: Elaborado pelos autores.

O aumento na divulgação pode estar associado também às transformações ocorridas nos JP, pois a partir da edição de Sydney-2000 o evento passou a ser visto pela ótica comercial e da espetacularização. (MARQUES *et al.*, 2013; HILGEMBERG, 2019). Os JP deixaram de ser somente mais um evento esportivo para pessoas com deficiência, para se tornar um produto capaz de atrair público e consequentemente lucros. (CASTRO; CAMPBELL; TAVARES, 2016; MARQUES, 2016).

Na edição de Londres-2012, a TV Globo adquiriu os direitos autorais de transmissão dos JP e através dos seus canais, aberto e fechados, divulgaram o evento em seus programas e telejornais, sendo criados quadros especiais como o “Boletim Paralímpico”, com duração entre 9 e 15 minutos, que diariamente apresentava um resumo dos dias de competição. (DIAS, 2013). No Rio-2016, o grupo Globo através do seu canal de TV fechado SporTV e a TV Brasil, emissora pública, transmitiram 247 horas de cobertura dos JP e alcançaram um recorde de 472 milhões de espectadores (CARDOSO *et al.*, 2018). Desde 2012, a TV Globo concede a emissora pública o direito de transmissão do evento paralímpico. (DIAS, 2013).

Em relação à estrutura visual das notícias, a partir da edição de Sydney-2000, estas passaram a ser publicadas em páginas coloridas e/ou dispostas em páginas inteiras (10%). Quanto à presença de ilustrações (fotos, imagens, iconográficos, quadro de horários), foram encontradas 551, média de 0,6 ilustrações por notícia.

Em 71% das fotos, fora evidenciado o contexto paralímpico, onde os atletas apareceram realizando ações esportivas durante as competições: Jogos Paradesportivos Brasileiros, Jogos Para-Panamericanos e JP; e aqueles, brasileiros e estrangeiros, que alcançaram recordes e conquistaram medalhas, tiveram seus rostos e corpos ao lado dos resultados e recordes, destacados. Santos *et al.* (2018), ao analisar as fotografias publicadas na Folha de São Paulo durante as edições dos JP de 1992 a 2016, identificaram a ênfase nas disputas e atos esportivos (39,4%), no destaque a nacionalidades dos atletas (26,7%) e no enfoque a deficiência e nos comprometimentos ocasionados (23,9%).



Os JP foram retratados como tema principal em 75% das notícias analisadas. Estas apresentaram informações sobre o desempenho dos atletas nos JP, destacaram as vitórias, as derrotas e a participação em outras competições paralímpicas, por exemplo: mundiais e Parapan-americanos. Em 25% das notícias, os JP foram apresentados como um tema secundário, no qual, relatavam informações sobre os dias e horários das competições através do quadro de programação das redes de televisão e assuntos que enfatizavam a vida do atleta fora do âmbito esportivo, como um pedido de casamento (KNOPLUCH, 2012a, p.6) e a superação após morte de um ente querido. (KNOPLUCH, 2012b, p.5). Esses discursos não parecem novos, de acordo com Marques *et al.* (2015), Poffo *et al.* (2017) e Poffo *et al.* (2018), as histórias de vida dos atletas paralímpicos e situações fora do contexto esportivo parecem preencher as pautas jornalísticas.

No que diz respeito à frequência do tipo de deficiência, de acordo com Santos *et al.* (2019), quanto maior o número de medalhas conquistadas maior o espaço midiático destinado ao atleta e ao tipo de deficiência. Os atletas com deficiência física conquistaram 66% das medalhas brasileiras nas últimas edições dos JP, no caderno de esportes do jornal O Globo, eles apareceram em 53% das notícias, resultado que corrobora com outros estudos. (BUYSSE; BORCHERDING, 2010; PAPPOUS; MARCELLINI; DE LÉSÉLEUC, 2011).

Os atletas com deficiência intelectual (1%) foram noticiados pela primeira vez em Sydney-2000 e após um longo tempo, retornaram às publicações a partir da edição de Londres-2012. Este fato pode ser atribuído ao banimento desse grupo de deficiência dos JP após a infração cometida pela delegação espanhola no sistema de classificação esportiva em Sydney-2000. (PARSONS; WINCKLER, 2012).

Em relação às modalidades paralímpicas, 45% são específicas para atletas com deficiência física e 14% exclusivas para atletas com deficiência visual. As demais possuem classes esportivas para todos os grupos de deficiência, entre elas, o para atletismo e a para natação. Essas modalidades têm o maior número de provas e de atletas e, juntas, são responsáveis por quase 50% das medalhas paralímpicas conquistadas pela delegação brasileira nos JP, o que justifica terem aparecido com maior frequência (48%) nas fontes analisadas.

O reconhecimento do ídolo esportivo acontece mediante as suas conquistas e feitos relevantes dentro do seu campo pessoal e profissional, pois ele se tornará um exemplo e inspiração (CARDOSO *et al.*, 2018), no âmbito paralímpico, o que pode ser considerado algo relativamente novo. Em nossa análise, identificamos a velocista Ádria dos Santos (15%) como a primeira atleta ídolo do movimento paralímpico brasileiro. Sua participação nos JP iniciou na edição de Seul-1988, tendo conquistado duas medalhas de prata nas provas de 100m e 400m com apenas 14 anos. As notícias relacionadas a Ádria dos Santos abordavam as suas conquistas, suas pretensões e sentimentos frente a uma prova e/ou conquista. (DUARTE, 1996b, p.34).

Na edição de Atenas-2004, o nadador Clodoaldo dos Santos (13%) passou a ser evidenciado como ídolo após conquistar a primeira medalha de ouro da natação paralímpica brasileira. (MACHADO, 2004, p.34). A partir deste feito, notícias sobre o atleta se tornaram frequentes na seção esportiva do jornal analisado. A divulgação de suas conquistas, inspirou atletas como Daniel Dias, atleta brasileiro com maior número



medalhas em JP, a iniciar na modalidade após assistir entrevista de Clodoaldo Silva, como mostra a seguinte reportagem, intitulada “Daniel Dias ganha primeiro ouro brasileiro em Pequim”:

Há quatro anos, nos Jogos Paraolímpicos de Atenas, o paulista Daniel Dias acompanhou tudo pela televisão. Viu Clodoaldo Silva conquistar seis medalhas de ouro e uma de prata, deparou-se com cenas de superação extrema, que jamais saíram de sua cabeça, e decidiu que era aquilo que iria fazer da vida. (BERTOLDO, 2008a, p.7).

O atleta Daniel Dias (10%), desde o início da carreira nos JP de Pequim-2008 acumula recordes e conquistas nas provas as quais participa, as notícias focam no seu desempenho e favoritismo. (AMATO, 13/09/2016, p.3a). Nos JP de Londres-2012, o velocista Alan Fonteles surgiu como uma estrela em ascensão ao derrotar o sul-africano Oscar Pistorius, favorito na prova dos 200m para amputados. (KNOPLOCH, 2012a, p.6). Entretanto, nos JP do Rio-2016, as notícias evidenciaram as derrotas de Alan Fonteles durante o ciclo paralímpico (COSTA, 09/09/2016, p.3) e incertezas quanto sua capacidade de subir ao pódio nas Paralímpiadas do Rio-2016. (KNOPLOCH, 2016, p.1).

Esses exemplos, ilustram a necessidade de divulgação dos JP não somente na perspectiva de captação de novos atletas, mas também na importância de mostrar à sociedade a capacidade da pessoa com deficiência em atingir altos níveis de independência e autonomia. Apesar do esporte paralímpico assumir uma forma seletiva e excludente do esporte, ainda assim apresenta valores que podem ser difundidos em uma sociedade que tenta incluir as pessoas com deficiência em diversos setores da vida social.

Entre as edições dos JP de Seul-1988 e Rio-2016, diversas situações aconteceram para que o movimento paralímpico se instituisse no Brasil, entre elas destaca-se a criação do CPB, entidade responsável pela gestão, organização e disseminação do esporte paralímpico no País. Através de suas ações, o esporte paralímpico tem sido desenvolvido e o Brasil tem se estabelecido entre as principais potências paralímpica. Desde a edição de Seul-1988, quando ocupou a 26ª posição no quadro de medalhas, o Brasil tem crescido exponencialmente e ficado entre os dez países com maior número de medalhas conquistadas nos JP (9º em Pequim-2008, 7º em Londres-2012 e 8º no Rio-2016). Esses feitos podem ter sido decisivos para a escolha do Brasil como primeiro país da América do Sul a sediar os JO e JP em 2016.

3.2. O DISCURSO SOBRE OS JOGOS PARALÍMPICOS: DE SEUL-1988 AO RIO-2016

Na segunda parte da pesquisa, analisamos os discursos presentes nas notícias veiculadas no caderno de esportes do jornal O Globo . Na edição de Seul-1988, os JP foram chamados de “Olimpíadas para os deficientes físicos” ou de “Paraolimpíadas” (GONÇALVES, 1988, p.24), talvez devido esta edição ter ocorrido na mesma cidade-sede dos JO dias após o seu término; terem utilizado as mesmas estruturas e instalações e também, os participantes em sua maioria eram deficientes físicos, apesar de atletas com deficiência visual serem elegíveis para participar dessa edição. (ARAÚJO, 2011; PARSONS; WINCKLER, 2012).



Ainda nessa edição, os JP passaram a ter um caráter de alto rendimento, o que pôde ser confirmado através das reportagens que ressaltaram o desempenho esportivo dos atletas brasileiros, destacando as suas conquistas no para atletismo e para natação e os comparando com atletas olímpicos. Por fim, a notícia ressaltou a presença de público prestigiando as cerimônias de abertura e encerramento dos JP. (GRAÇA, 1988).

A edição dos JP de 1992 marcou o início de um novo período para o Movimento Paraolímpico. Em Barcelona, os JP foram organizados pelo mesmo comitê organizador dos JO e contaram com uma divisão exclusiva para o seu planejamento; tiveram suas próprias cerimônias de abertura e encerramento e o número de participantes cresceu em relação à edição anterior. (GOLD; GOLD, 2007; SILVA, 2018; HILGEMBERG, 2019). Conforme dados divulgados pelo Comitê Paralímpico Internacional (INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE, 2020), a divulgação midiática dos JP de Barcelona-1992 alcançou audiência acumulada de sete milhões de espectadores.

Encontramos seis notícias veiculadas no período dos JP de Barcelona-1992. Os textos destacaram os feitos esportivos dos atletas, entretanto foram acompanhados de informações relacionadas à deficiência. O atleta Luiz Claudio, por exemplo, ao ser questionado sobre como seria ter deficiência, respondeu: “Dirijo, faço compras e me divirto como qualquer um. Nunca deixei de fazer nada por causa da minha deficiência. Ao contrário, sempre invento manobras novas para me superar.” (ITIBERÊ, 1992, p.28). Dar voz ao atleta e ressaltar um discurso onde a pessoa com deficiência se coloca como sujeito ativo e capaz de realizar feitos como qualquer outra pessoa, possibilita aos leitores enxergar a deficiência sob outra perspectiva, que não aquela ligada a dependência e a incapacidade. (PEREIRA; MONTEIRO; PEREIRA, 2011).

Nos JP de Atlanta-1996, os organizadores tinham como objetivo facilitar a compreensão do evento pela sociedade e atrair possíveis patrocinadores. (PARSONS; WINCLKER, 2012). No Brasil, o CPB promoveu ações para que a população brasileira pudesse conhecer e reconhecer a legitimidade do esporte paralímpico e consequentemente atrair investidores e novos atletas para o movimento paralímpico. (MIRANDA, 2011; SILVA, 2018). Uma dessas ações esteve relacionada ao custeio de uma equipe de TV e de jornalistas/fotógrafos para a cobertura e a transmissão dos JP. O Globo foi um dos jornais convidados, enviando Fernando Duarte à Atlanta-1996 para cobrir a delegação brasileira. (HILGEMBERG, 2017).

As notícias veiculadas no caderno de esportes do jornal O Globo, informaram aos leitores não somente as conquistas da delegação brasileira nos JP de Atlanta-1996, mas também discutiram assuntos relacionados ao contexto paralímpico. Assuntos como acessibilidade física, tecnologia esportiva, recursos financeiros e a busca por patrocínios foram exploradas, evidenciando as diversas faces dos JP. Os atletas foram retratados pelo nome seguido da deficiência ou origem, principalmente quando oriundos do nordeste e por fim o seu feito esportivo evidenciado. (DUARTE, 1996d, p.54).

Encontramos notícias que comparavam o desempenho esportivo dos atletas olímpicos e paralímpicos, especulando que os atletas paralímpicos deveriam superar o número de conquistas da delegação brasileira nos JO de 1996. (DUARTE, 1996a, p.6). Nesse sentido, para dar maior ênfase, as histórias de vida dos atletas paralímpicos foram retratadas de forma a mostrar que apesar das lutas diárias contra as barreiras e os



obstáculos ocasionadas pela deficiência, as enfrentavam e superavam, conquistando feitos esportivos. (DUARTE, 1996c, p.6).

Na edição de Sydney-2000, as notícias apontaram a existência de profissionalismo no esporte paralímpico devido ao crescimento em relação ao número de participantes, de conquistas, de espectadores e de patrocinadores, o que anteriormente não era visto. Como ilustra a reportagem “Profissionalismo marca esporte paradesportivo” (GALENO, 2000a, p.43): “filantropia, caridade e abnegação são palavras frequentes ligadas as atividades esportivas para deficientes(...). Porém, nos Jogos Paraolímpicos de Sydney, um outro substantivo pode ser incluído nesta lista: dinheiro, muito dinheiro”. Nessa perspectiva, ao que parece a partir da edição de Sydney-2000, os JP puderam ser vistos como um produto capaz de ser comercializado e gerar lucro, algo que anteriormente parecia distante, devido a estreita relação com responsabilidade social.

De acordo com Marques *et al* (2009) e Pereira, Monteiro e Pereira (2011), o potencial mercadológico dos JP ainda é pouco explorado pelos meios de comunicação, devido ao preconceito histórico de que ter deficiência é sinônimo de fragilidade, incapacidade, sofrimento e tragédia. Para Marques *et al.* (2015) e Faria e Carvalho (2010), a dificuldade do evento paralímpico em obter patrocínios, poderia estar associada a falta de identificação entre o movimento paralímpico e o grande público, como mostra um relato do diretor de marketing do Banco do Brasil em 2000, Reinaldo Feitosa: “Não sabíamos até que ponto seria bom atrelar nossa imagem a uma pessoa numa cadeira de rodas. Dentro do imaginário popular, eles são coitados e não cidadãos produtivos. É uma questão empresarial que é levada em conta”. (GALENO, 2000a, p.43).

Em relação à delegação brasileira, a mesma obteve recursos financeiros provenientes do Banco do Brasil, da Embratel e da Caixa Econômica Federal através das loterias esportivas, obtido a partir da promulgação da Lei n.º. 9.615, de 1998 (Lei Pelé) que garantiu a destinação de percentuais financeiros para subsidiar e promover o esporte para pessoas com deficiência no Brasil. (BRASIL, 1998). Esses recursos oportunizaram aos atletas paralímpicos melhores condições de treinamento e preparação para os JP de Sydney-2000 (MIRANDA, 2011), bem como melhor desempenho comparado com edições anteriores.

Nos JP de Sydney-2000, embora existam evidências que demonstram que os atletas tenham sido retratados pelos feitos esportivos, um discurso carregado de falas sensacionalistas também estava presente, estes os descreviam como seres capazes de superar as adversidades e alcançar feitos extraordinários. (GALENO, 2000b, p.36). Poffo *et al.* (2017) identificou um discurso semelhante ao analisar notícias publicadas em um jornal impresso paulistano. De acordo com o autor, a partir da edição dos JP de Sydney-2000, as matérias apresentaram tendência em noticiar os atletas de forma vitimizada ou Supercrip, um discurso que destaca a superação das adversidades impostas pela deficiência. (SILVA; HOWE, 2012).

A partir da edição de Atenas-2004, as notícias trouxeram informações a respeito dos resultados conquistados pelos atletas em outras competições paralímpicas, como mundiais e Jogos Parapan-Americanos. Visualmente, as imagens que acompanhavam as reportagens eram coloridas, apresentavam iconográficos para demonstrar o resultado dos vinte melhores países. Os atletas (Ádria dos Santos, Clodoaldo Silva e Roseane Santos) que se destacaram em relação ao número de medalhas conquistadas



em edições anteriores dos JP e em Atenas-2004, tiveram suas histórias de vida evidenciadas. O discurso de superação que antes apresentava um viés sensacionalista com foco na deficiência, passou a focar na superação do atleta em relação às competições e a si mesmo. (MACHADO, 2004, p.42).

Na edição de Pequim-2008, as reportagens deram ênfase ao desempenho esportivo dos atletas brasileiros e estrangeiros, inclusive apresentando diariamente o quadro de medalhas. (BERTOLDO, 2008b, p.45). Entretanto, o discurso de superação das adversidades, as histórias de vida dos atletas e a ênfase na deficiência, retornaram às publicações no caderno de esportes do jornal O Globo, muitas vezes com destaque maior do que os feitos esportivos.

A cidade de Londres ao se candidatar para sediar os JP de 2012, se comprometeu em criar medidas que viabilizassem a promoção da inclusão de pessoas com deficiência na sociedade inglesa além de propiciar, aos atletas e espectadores dos JP, uma melhor experiência durante o evento. (GOLD; GOLD, 2007). A partir dessa edição o evento passou a ser denominado de “Jogos Paralímpicos” ou “Paralimpíadas”. (KNOPLCH, 04/09/2012, p.5c). Cabe destacar também que foram apresentados avanços nos sistemas de classificação esportiva, nos exames antidoping, nas tecnologias esportivas e nas formas de divulgação, como a utilização de mídias sociais. (INTERNACIONAL PARALYMPIC COMMITTEE, 2013; 2020).

As notícias retrataram os atletas de formas sensacionalista, ao ressaltar assuntos fora do âmbito esportivo e ao enfatizar a capacidade de poder realizar uma tarefa, considerada comum para pessoas sem deficiência mesmo diante da falta de algo. Como ilustra a reportagem intitulada “Público torce por Pistorius e Aplauda Alan”. (KNOPLCH, 2012a, p.6):

Assim que o alagoano cruzou a linha de chegada, tirou o número num papel sulfite preso à roupa presos com alfinete aonde estava escrito: ‘Thalita, quer casar comigo?’ e abaixo, com letras menores, a tradução para o inglês. Mesmo sem mãos e grande parte do braço, ele também costura e joga vídeo game’.

Esse tipo de divulgação que enaltece a vida fora do âmbito esportivo e a deficiência em detrimento dos feitos esportivos cresceu ao longo do tempo, resultado parecido com outros estudos. (TYNEDAL; WOLBRING, 2013; HILGEMBERG, 2014; SILVA; CARNEIRO; MARINHO, 2018; SILVA, 2018). Na edição dos JP do Rio-2016, 18% das notícias enfatizaram as histórias de vida dos atletas, destacando-se aquelas que possuíam um enredo dramático: “Ao receber o diagnóstico em 2005 de que tinha Atrofia Múltipla de Sistemas, Susana fez o que sabe melhor: correr contra o relógio (...) Respira com mais dificuldade, mas não falta ‘gás’ para fazer planos a longo prazo e lutar contra o impossível representado por uma doença sem cura” (AMATO, 10/09/2016, p.1b) ou aquelas na qual, o atleta aparentemente não teria competência para realizar feitos esportivos devido a sua funcionalidade: “Ibrahim Hamadtou é o único mesatenista da Paralimpíada que não tem os braços. Levanta a bola com o pé antes de sacar e segurar a raquete com a boca e se tornou campeão africano desse jeito”. (GUILHERMINA, 2016, p.3). Esses discursos desqualificam o atleta e o colocam como objeto de inspiração, nesse sentido, a mídia continua a reproduzir estereótipos e



a distanciar os JP de serem reconhecidos como uma manifestação esportiva de alto rendimento.

Nas edições anteriores, os atletas eram mencionados pelo nome, seguido da deficiência e/ou origem. Chamava atenção, como enfatizado anteriormente, que somente aos atletas do nordeste era dada essa ênfase, o que não ocorreu nas notícias publicadas durante os JP do Rio-2016, pois, independentemente da origem do atleta, essa conotação foi utilizada como uma forma de identificação e não de diferenciação.

Nos JP do Rio-2016, O Globo fez parceria com um jornal alemão, experiente na divulgação do JP desde a edição de Atenas-2004. Foram publicados dois suplementos especiais intitulados “Jornal Paralímpico”, desenvolvidos por jovens estudantes, supervisionados por jornalistas dos dois países. Essa iniciativa demonstra certa preocupação do O Globo em capacitar e oferecer aos novos talentos a oportunidade de conhecer o esporte paralímpico, o que poderia levá-los a uma divulgação menos tendenciosa e mais focada no contexto esportivo dos JP.

As notícias publicadas durante os JP do Rio-2016, trouxeram uma ampla gama de assuntos. O foco das notícias não se concentrou apenas nas disputas esportivas. Foram publicados artigos que traziam discussões a respeito do sentido dos JP, das questões de acessibilidade e dos legados que ficariam pós-evento. Esses artigos deram voz aos atletas e/ou membros ligados ao movimento paralímpico e a profissionais ligados a assuntos relacionados à deficiência. Houve também notícias polêmicas como exemplo, o banimento da delegação russa dos JP do Rio-2016 por doping (ZOBARAN; FURTADO, 2016, p.1) e a incerteza da realização dos JP do Rio-2016 pela falta de verbas ocasionada, principalmente pela baixa procura por ingressos. (ZOBARAN; LOIO, 2016).

Ao longo dos anos, as notícias foram tomando formas e entoando discursos diferentes, os quais rotineiramente colocam os atletas ora como coadjuvantes ora como atores principais, numa proporção destoante. Ao enfatizar a deficiência, deixam de lado umas das principais funções da mídia para com as questões da deficiência, a sua contribuição para desconstrução de estigmas. Acreditamos que conhecer e compreender os elementos que fazem parte do contexto paralímpico podem melhorar a divulgação dos JP.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa, por se tratar de uma análise documental, pode apresentar diferentes interpretações para o fenômeno analisado, em virtude de que somos sujeitos com histórias, percepções e posicionamentos únicos. Portanto, as análises aqui efetuadas apresentam-se como um entre outros possíveis olhares para o objeto de estudo em questão. Relembrando que, para compreender esses olhares, foram analisadas notícias referentes aos JP em um jornal e período tempo específico.

Percebemos diferenças ao abordar os JP ao longo das edições. Nas edições de Seul-1988 e Barcelona-1992, o foco das notícias foi na divulgação dos feitos esportivos dos atletas, na quantidade de medalhas conquistadas. Porém, a partir de Atlanta-1996, os JP passaram a ser noticiados de forma mais abrangente, a ênfase passou a não ser somente no atleta, mas no evento em si. Em relação aos atletas, foram apresentadas



especulações e cobranças sobre o seu desempenho. Em um segundo momento, os atletas paralímpicos já não eram noticiados somente pelo seu desempenho esportivo, mas também por sua história de vida, pela superação em conquistar feitos impensáveis mediante a sua condição. Dessa forma, emergem discursos tendenciosos carregados de estereótipos e sensacionalismo, o que demonstra o limitado conhecimento da mídia sobre o esporte e os atletas

As mudanças ocorridas nos próprios JP somados aos interesses da mídia, podem ter contribuído para essa dificuldade dos jornalistas em definir qual ou quais conteúdos dar ênfase ao noticiá-los. Reafirmamos que a mídia tem a capacidade de contribuir para a ruptura de estereótipos e estigmas relacionados à deficiência, entretanto, se faz necessário conhecer de fato o objeto que está sendo noticiado, o seu contexto, a sua finalidade, os seus aspectos específicos, bem como refletir criticamente sobre como o conteúdo é abordado.

Considerando a mídia um instrumento de comunicação de massa, capaz de disseminar (pre)conceitos em diferentes grupos sociais, sugerimos a realização de outros estudos envolvendo os JP, a fim de analisar diferentes veículos de comunicação (rádio, televisão, revistas, portais eletrônicos e mídias sociais) e a percepção de indivíduos direta e indiretamente envolvidos no Movimento Paralímpico (atletas, árbitros, dirigentes, espectadores).

5. FINANCIAMENTO

Este trabalho é uma extensão do projeto de mestrado em educação física realizado na Universidade Federal de Viçosa (2016/2018) que contou com o subsídio financeiro, na forma de bolsa de pós-graduação da Coordenadoria de Aperfeiçoamento do Pessoal de Ensino Superior (Capes), sob o código de financiamento 001.

6. AGRADECIMENTOS

As contribuições das professoras Eveline Torres Pereira e Carolina Fernandes da Silva em todo o desenvolvimento do estudo, assim como as considerações das professoras Doiara Silva dos Santos e Maria Carmen Aires Gomes imprescindíveis para construção desse trabalho.

7. REFERÊNCIAS

AMATO, G. Ao mestre, com carinho. **O Globo**. Rio de Janeiro, Caderno de Esportes, p.3a, 13 set. 2016.

AMATO, G. Oh, Susana! **O Globo**. Rio de Janeiro, Caderno de Esportes, p.1b, 10 set. 2016.

ARAÚJO, P. F. **Desporto adaptado no Brasil**. São Paulo: Phorte, 2011.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS JORNAIS. **Maiores jornais do Brasil**. Disponível em: <http://www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil/>. Acesso em: 1 jul. 2020.



BERTOLDO, S. Daniel Dias ganha primeiro ouro brasileiro em Pequim. **O Globo**. Rio de Janeiro, Caderno de Esportes, p.7, 8 set. 2008a.

BERTOLDO, S. Dias de ouro em Pequim: Brasil obtém dez medalhas, sendo cinco pelo primeiro lugar. **O Globo**. Rio de Janeiro, Caderno de Esportes, p.45, 10 set. 2008b.

BRASIL. **Lei n. 9.615, de 24 de março 1998**. Institui normas gerais sobre desporto e dá outras providências. Brasília: mar. 1998. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9615consol.htm. Acesso em: 12 jul. 2020.

BUYSSE, J. A.; BORCHERDING, B. Framing gender and disability: a cross-cultural analysis of photographs from the 2008 paralympic games. **International Journal of Sport Communication**, v.3, n.3, p.308-321, 2010.

CAMBRUZZI, G. M. A. S. **O discurso da mídia sobre a cobertura das Paraolimpíadas de Pequim 2008 e a inclusão de pessoas com deficiência**. 2011. 73 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Fundamentos Curriculares da Educação Inclusiva) – Centro de Educação a Distância, Universidade Estadual de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

CARDOSO, V. D. *et al.* A contribuição da mídia na construção dos ídolos paralímpicos brasileiros. **Brazilian Journal of Education, Technology and Society**, v.11, n.1, jan./mar. 2018.

CASTRO, E. M.; CAMPBELL, D. F.; TAVARES, C. P. The global reality of the Paralympic Movement: Challenges and opportunities in disability sports. **Motriz**, Rio Claro, v.23, n.3, p.111-123, 2016.

CECHINEL, Andre; *et al.* Estudo/análise documental: uma revisão teórica e metodológica. **Revista do Programa de Pós-graduação em Educação**, v.5, n.1, jan./jun., 2016.

COSTA, A. M.; SOUSA, S. B. Educação física e esporte adaptado: história, avanços e retrocessos em relação aos princípios da integração/inclusão e perspectivas para o século XXI. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v.25, n.3, p.27-42, 2004.

COSTA, V. Alan Fonteles decepciona. **O Globo**. Rio de Janeiro, Caderno de Esportes, p.3, 9 set. 2016.

DIAS, D. A. **Cobertura das Paralimpíadas de Londres 2012**. 2013. 148 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

DUARTE, F. Brasil já tem cinco medalhas em Atlanta. **O Globo**. Rio de Janeiro, Caderno de Esportes, p.6, 19 ago. 1996a.

DUARTE, F. Ádria dos Santos ganha medalha de prata nos 400m. **O Globo**. Rio de Janeiro, Caderno de Esportes, p.34, 21 ago. 1996b.

DUARTE, F. Equipe brasileira terá 58 atletas nas Paraolimpíadas. **O Globo**. Rio de Janeiro, Caderno de Esportes, p.6, 12 ago. 1996c.



- DUARTE, F. Pernambucano dá a primeira medalha ao Brasil. **O Globo**. Rio de Janeiro, Caderno de Esportes, p.54, 18 ago. 1996d.
- FARIA, M. D.; CARVALHO, J. L. F. Uma análise semiótica do potencial mercadológico da imagem de atletas paraolímpicos. **Revista Gestão e Sociedade**, v.4, n.9, set./dez., 2010.
- FRIESE, S. **Atlas TI 7 Guia Rápido**. Berlin: Scientific Software Development GmbH, 2015.
- GALENO, R. Profissionalismo marca esporte paradesportivo. **O Globo**. Rio de Janeiro, Caderno de Esportes, p.43, 15 out. 2000a.
- GALENO, R. Sentindo-se melhor com uma perna. **O Globo**. Rio de Janeiro, Caderno de Esportes, p.36, 24 out. 2000b.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GOLD, J. R.; GOLD, M. M. Access for all: the rise of the Paralympic Games. **The Journal of the Royal Society for the Promotion of Health**, v.127, n.3, p.133-141, 2007.
- GONÇALVES, S. T. Brasileiro chega à quarta medalha na paraolimpíada. **O Globo**. Rio de Janeiro, Caderno de Esportes, p.24, 22 out. 1988.
- GRAÇA, M. C. da. Termina em Seul a paraolimpíada. **O Globo**. Rio de Janeiro, Caderno de Esportes, p. 26, 25 out. 1988.
- GUILHERMINA, T. O adeus ao faraó do tênis de mesa. **O Globo**. Rio de Janeiro, Caderno de Esportes, p.3, 10 set. 2016.
- HAIACHI, M. C. *et al.* Reflexões sobre a carreira do atleta paraolímpico brasileiro. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.21, n.10, p.2999-3006, 2016.
- HILGEMBERG, T. Jogos Paralímpicos: história, mídia e estudos críticos da deficiência. **Recorde - Revista de História do Esporte**, Rio de Janeiro, v.12, n.1, p.1-19, jan./jun., 2019.
- HILGEMBERG, T. O lugar do atleta paralímpico nos jornais impressos: uma análise da cobertura dos Jogos de 2012. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 40., 2017, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Universidade Positivo, 2017. p.1-13.
- INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE. **Annual Report 2012**. 2013. Disponível em: <https://www.paralympic.org/the-ipc>. Acesso em: 7 jul. 2020.
- INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE. **IPC Historical Results Archive**: London. Disponível em: <https://www.paralympic.org/sdms/hira/web/competition/london-2012>. Acesso em: 7 jul. 2020.
- ITIBERÊ, C. Brasileiro bate recorde. **O Globo**. Rio de Janeiro, Caderno de Esportes, p.28, 9 set. 1992.
- KNOPLOCH, C. Público torce por Pistorius e aplaude Alan. **O Globo**. Rio de Janeiro, Caderno de Esportes, p.6, 3 set. 2012a.



- KNOPLOCH, C. Jovane Guissone conquista ouro inédito na esgrima. **O Globo**. Rio de Janeiro, Caderno de Esportes, p.5, 6 set. 2012b.
- KNOPLOCH, C. Pistorius se redime: 'Era o momento de Alan'. **O Globo**. Rio de Janeiro, Caderno de Esportes, p.5, 4 set. 2012c.
- KNOPLOCH, C. Terezinha & Alan na pressão. **O Globo**. Rio de Janeiro, Caderno de Esportes, p.1, 7 set. 2016.
- MACHADO, C. O brilho dourado de Clodoaldo. **O Globo**. Rio de Janeiro, Caderno de Esportes, p.34, 20 set. 2004.
- MACHADO, C. Brasil é campeão no futebol de 5. **O Globo**. Rio de Janeiro, Caderno de Esportes, p.42, 29 set. 2004.
- MARQUES, R. F. M. A contribuição dos Jogos Paralímpicos para a promoção da inclusão social: o discurso midiático como um obstáculo. **Revista USP**, São Paulo, n.108, p.87-96, 2016.
- MARQUES, R. F. M. *et al.* A abordagem midiática sobre o esporte paralímpico: o ponto de vista de atletas brasileiros. **Movimento**, Porto Alegre, v.20, n.3, p.989-1015, 2014.
- MARQUES, R. F. M. *et al.* Abordagem mediática sobre o desporto paralímpico: perspectiva de atletas portugueses. **Motricidade**, v.11, n.3, p.123-147, 2015.
- MARQUES, R. F. M. *et al.* Mídia e o movimento paralímpico no Brasil: relações sob o ponto de vista de dirigentes do Comitê Paralímpico Brasileiro. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.27, n.4, p.583-596, 2013.
- MIRANDA, T. J. **Comitê Paralímpico Brasileiro: 15 anos de história**. 2011. 331 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.
- PAPPOUS, A. S.; MARCELLINI, A.; DE LÉSÉLEUC, E. From Sydney to Beijing: the evolution of the photographic coverage of Paralympic Games in five European countries. **Sport in Society**, v.14, n.3, p.345-354, 2011.
- PARSONS, A.; WINCKLER, C. Esporte e a pessoa com deficiência: contexto histórico. In: MELLO, M. T.; WINCKLER, C. (Org.). **Esporte paralímpico**. 1. ed. São Paulo: Editora Atheneu, 2012. p.3-14.
- PEREIRA, O.; MONTEIRO, I.; PEREIRA, A. L. A visibilidade da deficiência: uma revisão sobre as representações sociais das pessoas com deficiência e atletas paralímpicos nos media impressos. **Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, Porto, v.22, p.199-217, 2011.
- POFFO, B. N. *et al.* A cobertura midiática dos jogos paralímpicos de Londres/2012 no portal Globoesporte.com. **Revista Brasileira de Ciência & Movimento**, v.26, n.2, p.92-102, 2018.
- POFFO, B. N. *et al.* Mídia e Jogos Paralímpicos no Brasil: investigando estigmas na cobertura jornalística da Folha de S. Paulo. **Movimento**, Porto Alegre, v.23, n.4, p.1353-1366, out./dez., 2017.



RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

SANTOS, S. M. *et al.* Mídia e Jogos Paralímpicos no Brasil: a cobertura da Folha de S. Paulo entre 1992 e 2016. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v.41, n.2, p.190-197, 2019.

SANTOS, S. M. *et al.* Esportividade, melancolia, nacionalismo e deficiência: a cobertura fotográfica dos jogos paralímpicos pelas lentes da Folha de São Paulo (1992 - 2016). **Motrivivência**, v.30, n.55, p.76-99, 2018.

SILVA, C. F. **Esportes náuticos e aquáticos no Rio Grande do Sul, Brasil: esportivização e contatos culturais nos clubes**. 2015. 262 f. Tese (Programa de Pós-graduação em Ciências do Movimento Humano) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

SILVA, C. F.; CARNEIRO, M.; MARINHO, J. A cobertura dos portais eletrônicos de notícias mineiros sobre os Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016. In: OLIVEIRA, A. F. S.; HAIACHI, M. C. (Org.). **Diferentes olhares sobre os jogos Rio 2016**: a mídia, os profissionais e os espectadores. Aracaju: Editora Diário Oficial do Estado de Sergipe - Edise, 2018. p.318-349.

SILVA, C. F.; HOWE, D. The (In)validity of Supercrip Representation of Paralympian Athletes. **Journal of Sport & Social Issues**, v.36, n.2, p.174-194, 2012.

SILVA, C. F.; MAZO, J. Z.; ASSMANN, A. B. A aplicação do software ATLAS.ti 7.5.6 em uma pesquisa no campo da história do esporte. **Corpoconsciência**, Cuiabá, v.22, n.1, p.106-119, jan./abr., 2018.

SILVA, J. M. M. **O discurso midiático dos Jogos Paralímpicos no caderno de esportes do jornal O Globo**. 2018. 101 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2018.

THOMAS, J.; NELSON, J. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

TYNEDAL, J.; WOLBRING, G. Paralympics and Its Athletes Through the Lens of the New York Times. **Sports**, v. 01, n. 01, p. 13-36, 2013.

ZOBARAN, E.; FURTADO, T. CAS mantém Rússia fora da paralimpíada. **O Globo**. Rio de Janeiro, Caderno de Esportes, p.1, 24 ago. 2016.

ZOBARAN, E.; LOIO, G. Vendas da paralimpíada estão em 12%. **O Globo**. Rio de Janeiro, Caderno de Esportes, p. 11, 16 ago. 2016.

Submetido em: **09/11/2020**

Aceito em: **29/08/2021**